

A CONDIÇÃO DE SER LGBT E A PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE: UM ESTUDO DE CASO NO CURSO DE PEDAGOGIA - EDUCAÇÃO DO CAMPO

Jailson Batista dos Santos (UFPB)¹
jaylsonbatysta@gmail.com

RESUMO: O presente artigo apresenta um recorte acerca dos resultados da pesquisa intitulada “Os desafios da Permanência de estudantes LGBT na universidade: uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia – Educação do Campo” (SANTOS, Jailson, 2017), em que, analisa a permanência considerando a orientação sexual como uma variável relevante que ao gerar processos de exclusão, considera-se intrínseca às condições de permanência na universidade (FERREIRA, 2015). Nesse sentido surge a seguinte problemática: Qual a relação entre a condição de ser LGBT com as condições de permanência na universidade? Como se configura a permanência desses estudantes no curso? Para tanto, adota-se a metodologia qualitativa, exploratória e analítica, apoiada em dados estatísticos, questionários *online*, e em entrevistas semiestruturadas com três estudantes LGBT do curso de Pedagogia - Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), de modo que, investiga-se as trajetórias individuais desses estudantes buscando apreender os processos de inclusão/exclusão vivenciados por eles no interior da universidade. O trabalho fundamenta-se nas ideias de Bourdieu (1998) cujo foco das discussões permeiam sobre poder simbólico, em que incluem os capitais: social, cultural e econômico, bem como, na ideia de dominação masculina inferida pelo autor referido. Com efeito, o trabalho dialoga com as discussões promovidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Superior e Sociedade (GEPESS)² sobre acesso e permanência. No tocante aos resultados, os dados e os relatos apontaram que a permanência é desenhada sob muitos desafios, e pela condição de ser LGBT, as dificuldades se evidenciam. No entanto, apesar das situações de vulnerabilidade social, os estudantes vêm superando os desafios de permanecer na universidade, e atrelam isso à forte identificação pelo o curso.

Palavras-Chaves: Estudantes LGBT. Permanência. Universidade.

¹ Graduado em Pedagogia – área de aprofundamento em Educação do Campo. Bolsista PIBIC/UFPB. Integrante do GEPESS/PB que integra a Rede Universitas/Br. Extensionista do Curso de Extensão em LIBRAS/UFPB. Ativista LGBT do Movimento do Espírito Lilás – MEL.

² Os debates fomentados pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Superior e Sociedade (GEPESS) partiram de um cenário, em que, se processa os desafios do acesso e permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade social no ensino superior nos anos 2000. (JEZINE, 2015); (NAKAMURA, 2013); (CASTELO BRANCO, 2014).

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta um recorte acerca dos resultados da pesquisa intitulada “Os desafios da Permanência de estudantes LGBT na universidade: uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia – Educação do Campo” (SANTOS, Jailson, 2017), em que, analisa a permanência considerando a orientação sexual como uma variável relevante que ao gerar processos de exclusão, considera-se intrínseca às condições de permanência na universidade (FERREIRA, 2015).

Dessa forma, levantou-se uma problemática significativa, no sentido de saber qual a relação entre a condição de ser LGBT com as condições de permanência na universidade? Como se configura a permanência desses estudantes na universidade? Para tanto, o trabalho fundamentou-se nos estudos desenvolvidos por Bourdieu (1998) sobre sociologia e educação, cujas análises permeiam sobre o poder simbólico, em que, discute os capitais: social, cultural e econômico que segundo ele, refletem nas condições de vida dos indivíduos.

Nesse contexto, a pesquisa ora apresentada, dialogou com as pesquisas desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC); com as discussões promovidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Superior e Sociedade (GEPESS), juntamente com o Núcleo de Estudos e Pesquisas na Educação Superior (NEPES) que integram a rede Universitas³, apoiando-se também, em dados estatísticos da Pesquisa Nacional sobre experiências de estudantes LGBT nos Ambientes Educacionais no Brasil, realizada pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT)⁴ que revelou no ano de 2015, dados relevantes acerca da aversão à estudantes LGBT vítimas da exclusão social, sobre tudo, no ambiente escolar.

³ A Rede Universitas/BR é uma rede acadêmica composta por pesquisadores de universidades públicas de todas as regiões do país, que têm em comum a área de conhecimento da educação superior. Tem como um dos seus objetivos no momento o desenvolvimento da pesquisa “Políticas da Expansão da Educação Superior no Brasil”. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/faced/pos/universitas/>> Acesso em: 19 de abr. 2017.

⁴ABGLT é uma organização brasileira criada em 31 de janeiro de 1995 com o objetivo e a missão de "promover ações que garantam a cidadania e os direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática, na qual nenhuma pessoa seja submetida a quaisquer formas de discriminação, coerção e violência, em razão de suas orientações sexuais e identidades de gênero." Disponível em: <<http://abgltribrasil.blogspot.com.br/p/pagina-em-construcao.html>> Acesso em: 10 abr. 2017.

A categoria permanência: histórico e conceito

A permanência no ensino superior tem sido abordada com relevância em diversos estudos desenvolvidos por pesquisadores que tratam das políticas de educação superior no Brasil, e vem se apresentando como uma nova categoria de análise, por não haver um conceito literalmente definido (ARAÚJO, Carla, 2013). Nesse sentido, indagar sobre seu conceito implica em passear pelo estado da arte, do que vem sendo discutido na busca de uma melhor compreensão.

Partindo dessa premissa, os teóricos Gimenes e Maciel (2016), apontaram uma dificuldade em encontrar nas produções científicas a classificação da categoria permanência em sua forma literal da palavra, por isso decidiram tomar como base os temas associados à categoria em questão. Dessa forma, além da permanência, as produções analisadas discorreram sobre o acesso, expansão, assistência estudantil e inclusão.

Ainda de acordo com Gimenes e Maciel (2016), no período de 1996 a 2015, 46% das produções de mestrado abordaram a categoria expansão, enquanto que permanência e inclusão social empataram com 20% das produções, e 8% acesso e permanência. Ou seja, os números revelam que as categorias acesso e permanência, quando somadas a categoria “permanência” isoladamente, representam um número inferior. Diante do exposto, percebe-se que a categoria com maior ênfase nas dissertações de mestrado foi a expansão. Dessa forma, a permanência vem sendo discutida de maneira implícita no campo das análises sobre a categoria expansão.

O GEPESS e NEPESS, a partir do projeto sub 05 - Acesso e permanência na expansão da educação, que integram o estudo de caso da Universidade Federal da Paraíba, revelaram mudanças no perfil dos estudantes que ingressaram no ensino superior por meio das políticas de cotas nos anos 2000, uma vez que estas contribuíram consideravelmente para o acesso de sujeitos em situação de vulnerabilidade social nesse nível de ensino (CASTELO BRANCO; NAKAMURA; 2013).

Atualmente, as pesquisas do grupo/núcleo discutem a permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade social na universidade a partir das aberturas legais no favorecimento do acesso desses sujeitos ao nível superior de ensino. Segundo Jezine (2015) a problemática do acesso e permanência nesse nível de ensino, infere que outros processos de exclusão social são construídos no interior da universidade, apontando a necessidade de buscar novos elementos para a construção de uma análise mais qualitativa dos dados, em que os grupos de pesquisas dispõem, a fim de aprofundar as discussões sobre a categoria permanência na UFPB, para a compreensão desses processos de exclusão.

Apensar da ausência de uma análise epistemológica a respeito da categoria permanência, e embora seja perceptível o aproveitamento dos aspectos sociais mais significativos dos sujeitos, os estudos apontam a necessidade de buscar novos elementos para a construção de uma análise mais qualitativa sobre a temática. Com efeito, embora nos diversos estudos a categoria permanência não seja conceituada literalmente, nos documentos oficiais, é identificada como a manutenção do estudante ao longo do curso, visando à sua conclusão e sucesso escolar (ARAÚJO, Carla, 2013).

Nesse sentido, pode-se entender que o processo do ingresso na universidade, a garantia de manutenção para permanecer até a conclusão do curso, e como consequência a continuação da carreira acadêmica são elementos que caracterizam a permanência. Dessa forma, umas das aproximações que nos permitem chegar à uma compreensão sobre o conceito da categoria permanência no âmbito do ensino superior, parte da relação que ela tem com as condições prestadas aos estudantes pela instituição de ensino.

Estudantes LGBT nos ambientes educacionais e o histórico de exclusão

De modo geral, boa parte dos ambientes educacionais ainda não estão preparados para lidar com as diferentes formas e expressões que a sexualidade assume. Muitas vezes, os preconceitos a discriminação são reproduzidos nesse ambiente de maneira silenciosa e até mesmo explicitamente, fazendo com que a permanência de pessoas LGBT se torne um verdadeiro ato de resistência. Pesquisas revelam que a aversão a esse público é um problema constante que ainda não foi superado.

Em 1997, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) implantou uma variedade de temas transversais nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Dentre esses cabe a pertinência em destacar a Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, em que, traçam alguns objetivos como: o respeito a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade; a compreensão sobre a busca de prazer como um direito e uma dimensão da sexualidade humana; a identificação no repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios; o reconhecimento como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas, etc. (PCN – Orientação Sexual, 1997).

Apesar da pertinência, os objetivos ainda são insuficientes no que cerne a preparação do corpo docente⁵ ao lidar com a questão da orientação sexual em sala de aula. Pois como frisa Souza (2013, p. 38), “comumente os temas relacionados ao sexo e à sexualidade são circunscritos à disciplina de Biologia”, o que revela uma precariedade na educação no tocante a abordagem da temática na perspectiva da transversalidade como propõe o PCN.

A escola, como qualquer outra organização, também pode promover violências, ou se omitir diante delas, comprometendo a trajetória escolar e profissional, colocando em risco, por vezes e até para sempre, a vida daquelas cujas orientações sexuais fogem à norma. A escola muitas vezes se silencia frente às várias práticas de bullying homofóbico, as quais podem causar danos físicos, morais e psicológicos (SOUZA, 2013, p. 40).

Sobre essa realidade, a pesquisa realizada pela UNESCO em 2004, envolvendo mais de 24 mil respondentes, revelou que 39,6% dos estudantes masculinos não gostariam de ter em sala de aula um colega homossexual, 35,2% dos pais e mães não gostariam que seus filhos tivessem um colega de classe homossexual, e 60% dos docentes afirmaram não estar suficientemente preparados para abordar a questão da homossexualidade na sala de aula. (ABRAMOVAY, et al, 2004).

Em 2009 foi publicado mais um estudo sobre preconceito e discriminação no ambiente escolar, teve o patrocínio do Ministério da Saúde, o mesmo foi baseado em uma amostra de 18.500 estudantes, pais e mães, professores/as e outros/as profissionais da educação, revelou que 87,3% dos entrevistados tinham atitudes preconceituosas e 26,1% tinham atitudes discriminatórias em relação a orientações sexuais diferentes da heterossexual. (MAZZON, 2009; apud ABGLT, 2016).

Por meio das 1016 respostas efetuadas no questionário disponibilizado online, o relatório retrata níveis elevados e alarmantes de agressões verbais e físicas, além de violência física; ao mesmo tempo expõe níveis baixos de respostas nas famílias e nas instituições educacionais que fazem com que tais ambientes deixem de ser seguros para muitos estudantes LGBT, resultando em baixo desempenho, faltas e desistências, além de depressão e o sentimento de não pertencer a estas instituições por vezes hostis (ABGLT, 2015, p.13).

⁵ Um exemplo do que vem acontecendo nas escolas pode ser encontrado no caso de um aluno do rio Grande do Sul. Esse aluno sofreu agressão na saída da escola por ser gay e professores teriam ignorado o bullying. De acordo com relatos da vítima, ele já sofria perseguição e agressões verbais, os professores tinham conhecimento do fato, mas nada fizeram para impedir as agressões. (MARTINS, 2012 apud SOUZA, 2013, p. 38).

Recentemente, mais precisamente em 2015, um grande estudo foi realizado no Brasil pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) sobre estudantes LGBT e o ambiente escolar, publicado em 2016, a pesquisa revelou que 73% dos jovens identificados como LGBT sofreram agressão verbal na escola por causa da sua orientação sexual. Este é o maior índice entre outros cinco países da América Latina⁶, onde a mesma pesquisa foi realizada (ABGLT, 2015).

A pesquisa da ABGLT trouxe alguns dados importantes acerca da insegurança de estudantes LGBT sobre como eles se sentem diante das opressões sofridas no ambiente escolar. Sobre essa insegurança, a mesma pesquisa inclui alguns relatos de estudantes LGBT que ilustra bem essa realidade. Como por exemplo o caso a seguir:

Me descobri no primeiro semestre como lésbica, e poucos meses depois como homem trans, e tive minha perspectiva de vida completamente alterada. [...] passei a receber olhares de ódio na rua. Eu, um jovem de classe média alta, branco, morando em um bairro rico, levei um choque de realidade ao perceber que eu tinha muitos privilégios [...]. Esse ano, tudo mudou para mim, eu tenho medo de andar na rua sozinho, eu tenho medo de me assumir para meus pais, eu tenho medo de nunca ser capaz de concluir minha transição, de não ser aceito no mercado de trabalho. Eu tenho medo de tudo e de todos. (Depoimento de estudante trans, 16 anos, estado de São Paulo). (AGLBT', 2016, p. 28).

A pesquisa perguntou também se os/as estudantes em algum momento no último ano letivo (2015) se sentiram inseguros dentro do ambiente escolar por causa de alguma característica pessoal, incluindo: orientação sexual, gênero, identidade / expressão de gênero. Ou seja, em termos tradicionais, até que ponto a aparência ou os comportamentos correspondiam a noções tradicionais do “masculino” ou do “feminino”), bem como o tamanho ou o peso corporal.

Sobre essa questão, os dados revelaram que 60,2% dos estudantes LGBT afirmaram se sentir inseguros/as dentro da escola por causa de sua orientação sexual.

De acordo com Junqueira (2009), a escola configura-se como um lugar de opressão, discriminação e preconceitos no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos/as LGBT. E mais, isso se faz com a

⁶ Para fins de comparação, a pesquisa também foi realizada concomitantemente em outros cinco países latino-americanos além do Brasil: Uruguai, Argentina, Chile, Peru, Colômbia, sendo que em 2016 também deverá ser realizado no México (ABGLT, 2015, p.13). Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>> Acesso em: 13 de abri. De 2017.

participação ou com a omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do Estado (SOUZA, 2013, p. 84).

Essa aversão é um problema de ordem histórica, social e política que o padrão heteronormativo estabelece, mas não reconhece como tal. Essa aversão é conhecida nos termos científicos como “homofobia”, segundo Segundo Borrillo (2010) apud Moreira (2011) a homofobia se configura como um elemento constitutivo da identidade masculina. Nesse sentido é encarada de forma repulsiva, estabelecendo uma barreira quando dois homens têm de manter uma relação mais íntima, por conta disso acaba por formar um sentimento homofóbico.

[...] pelo simples medo de se relacionar mais intimamente com algum amigo do sexo masculino, mesmo que esse contato íntimo não tenha nada de afetivo ou sexual no meio, Borrillo (2010) fala ainda sobre o termo homofobia, que ao seguir a origem da palavra estaria errada por demonstra medo de iguais (homo = iguais e fobos = medo), o termo cunhado por Morin e Garfinkle (1978) seria mais adequado quando fala sobre o heterossexismo, que seria um sexismo, mas que colocaria a heterossexualidade como a forma de sexualidade correta e mais aceita pela sociedade (BORRILLO, 2010 apud MOREIRA, 2010; p.3).

O estudo da ABGLT também realizou questionamentos acerca da frequência com que estudantes LGBT sofreram agressões verbais, direta ou indiretamente no ambiente educacional, especificamente por causa de características pessoais: orientação sexual, identidade de gênero, identidade/expressão de gênero e raça/etnia. A grande maioria dos LGBT, 84,4% relatou ter sofrido violência verbal em algum momento no ambiente escolar. Essas agressões ocorreram com maior frequência por causa da orientação sexual ou a forma como expressaram o gênero. (ABGLT, 2016).

É notável que a violência de qualquer natureza afasta o sujeito LGBT do ambiente escolar, afetando sua permanência. Sobre isso, esta mesma pesquisa traz alguns dados sobre a evasão escolar no ambiente educacional. De acordo com a pesquisa, os/as estudantes tinham duas vezes mais probabilidade de ter faltado à escola no último mês se sofreram níveis mais elevados de agressão relacionada à sua orientação sexual.

Os/as estudantes tinham duas vezes mais probabilidade de ter faltado à escola no último mês se sofreram níveis mais elevados de agressão relacionada à sua orientação sexual (58,9% comparados com 23,7% entre os/as que sofreram menos agressão) ou expressão de gênero (51,9% comparados com 25,5%). [...]. Os/as estudantes LGBT que vivenciaram níveis mais elevados de agressão verbal por causa da orientação sexual ou expressão de gênero (frequentemente ou quase sempre) tinham 1,5 vezes mais probabilidade de relatar níveis mais elevados de depressão (73,7% comparados com 43,6% [que

sofreram menos agressão] no caso da orientação sexual; 67,0% comparados com 45,3% no caso da identidade/expressão de gênero), [...] (ABGLT', 2016, p. 19).

Qualquer tipo de agressão sofrida no ambiente escolar, seja de ordem física ou verbal, é motivo suficiente para que a vítima se sinta excluída dentro desse ambiente e por vezes acaba abandonando os estudos. Quando o indivíduo não se encaixa nos padrões heteronormativos, como é o caso dos LGBT, as agressões se tornam mais evidentes, justamente por essa condição de estar fora dos padrões. Com isso, a insegurança aumenta cada vez mais, e o nível de pertencimento à instituição educacional vai perdendo espaço para a exclusão.

Apresentação e análise dos dados

No Curso de Pedagogia – Educação do campo há matriculados 327 estudantes, segundo informações da Coordenação. Esta pesquisa delimitou-se no recorte a partir do 5º período até o 10º, ou seja, o questionário foi direcionado à metade do curso, que corresponde ao quantitativo de 163 estudantes. Desse quantitativo, 37 responderam o questionário online, sendo 19 héteros (homens e mulheres), e 18 LGBTs (gays, lésbicas, bissexual, trans e afins).

Num panorama geral acerca do perfil socioeconômico dos estudantes que permaneceram, os dados revelaram que a maioria tem idade entre 26 a 36 anos, são do sexo feminino, se autodeclararam pardos, tem renda mínima de 1 a 2 salários mínimos, e avaliam a assistência estudantil como sendo ruim, dentre outras variáveis, conforme o quadro a baixo.

QUADRO 1: Panorama geral do perfil socioeconômico dos estudantes do Curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo

PERCENTUAL DOS QUE PERMANECERAM (37 respondentes)	
Idade	46,2% tem idade entre 26 a 36 anos
Sexo	71% do sexo feminino
Cor/Raça	45,9% se autodeclararam pardos
Trabalho	91,9% exercem função remunerada
Renda familiar	48,6% tem renda de 1 a 2 salários mínimos
Instrução da mãe	32,4% possui ensino médio incompleto
Instrução do pai	35,1% possui ensino médio completo
Tipo de escola	78,4% vieram de escola pública
Identidade de origem	73% são da zona urbana

Situação na Instituição	73% ativo-blocado
Contemplação de bolsa	75% não foram contemplados
Avaliação da assistência estudantil	55,1% avaliam como ruim
Escolha do curso	43,2% por identificação pelo curso
Aspirações futuras pós curso	40% almejam prestar concurso público

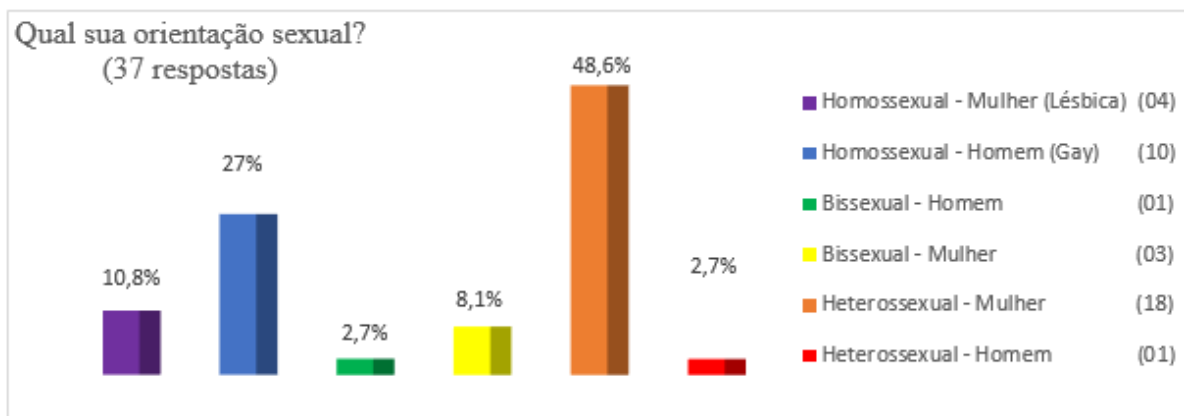
FONTE: Dados obtidos a partir do questionário online respondido pelos estudantes de Pedagogia - Educação do Campo do 5º ao 10 período.

Em linhas gerais, as questões pessoais, socioeconômicas e acadêmicas analisadas permitiram inferir que tais questões estão relacionadas intrinsecamente com a permanência dos estudantes no curso. Nesse sentido, tais dados nos remete a discussão de Bourdieu (1998), em que aborda a educação, a partir do formato institucionalizado, apresentando três categorias como mecanismo estratégico e determinante para o sucesso escolar: capital econômico, capital cultural, e capital social.

Em síntese, o capital econômico, refere-se às condições financeiras, patrimoniais e de renda de cada sujeito e de sua família, sendo um tipo de capital que pode interferir diretamente na opinião e expectativa de cada sujeito. O capital social, envolve um conjunto de trocas simbólicas e de relações que resultam em estratégias de investimento social, orientadas consciente ou inconscientemente. E o capital cultural, é o elemento de herança familiar de maior repercussão no destino escolar (BOURDIEU, 1998).

Dessa forma, o autor traz para o centro da discussão a dimensão em que a origem social dos estudantes se constitui em desigualdades escolares, e essas desigualdades produzidas no campo escolar reproduzem o sistema objetivo de posições e de dominação.

GRAFICO 1: Orientação sexual dos estudantes



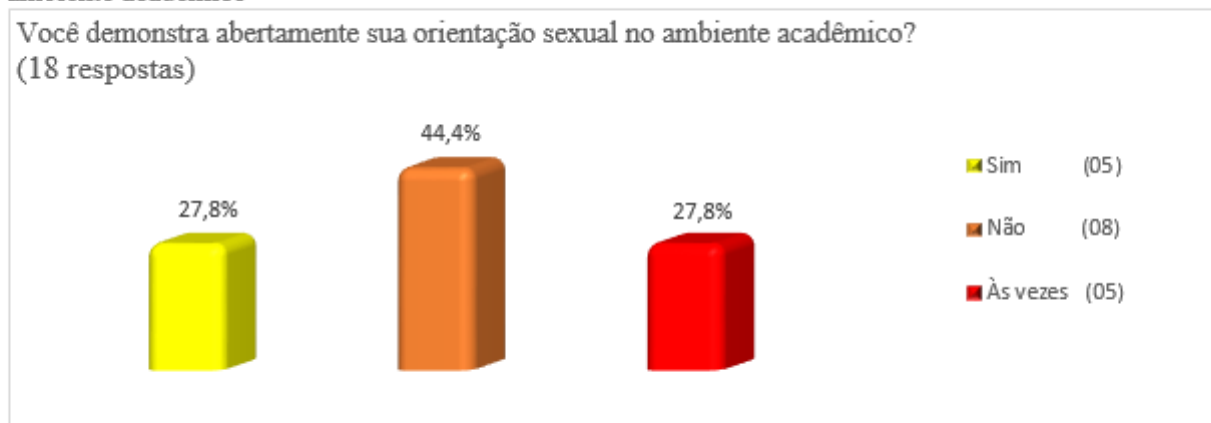
FONTE: Gráfico elaborado pelo autor a partir do questionário online respondido pelos estudantes de Pedagogia - Educação do Campo.

Em relação ao recorte LGBT, pelos dados no gráfico a cima, percebe-se que há no Curso uma quantidade significativa de estudantes LGBT, em que, 27% se identificaram como gays, 10% como lésbicas, e 2,7% como bissexuais (dentre homens e mulheres), afirmando a diversidade existente quanto comparado a porcentagem de estudantes héteros, conforme o gráfico abaixo.

No entanto, não foram identificados (as) transexuais, nem travestis, dentre os participantes, o que pode levantar uma nova problemática, no sentido de saber como ocorre a inserção destes sujeitos no ensino superior, haja vista a existência de uma forte evasão por discriminação contra esse público no ensino básico (SILVA, 2012).

Esta parte do questionário versou sobre o recorte do público LGBT, conforme explicado anteriormente na metodologia. A partir desta segunda parte, foram elaboradas questões subjetivas de ordem múltipla escolha, relacionadas a orientação sexual dos sujeitos, atendendo assim, o objetivo principal deste trabalho que é a discussão sobre os desafios da permanência de estudantes LGBT sob a ótica da diversidade sexual, considerando a orientação sexual como elemento relevante para a compreensão da relação com a permanência no Curso de Pedagogia – Educação do Campo, com vista a conclusão.

GRAFICO 17: Percentual de estudantes LGBT que demonstram abertamente sua orientação no ambiente acadêmico



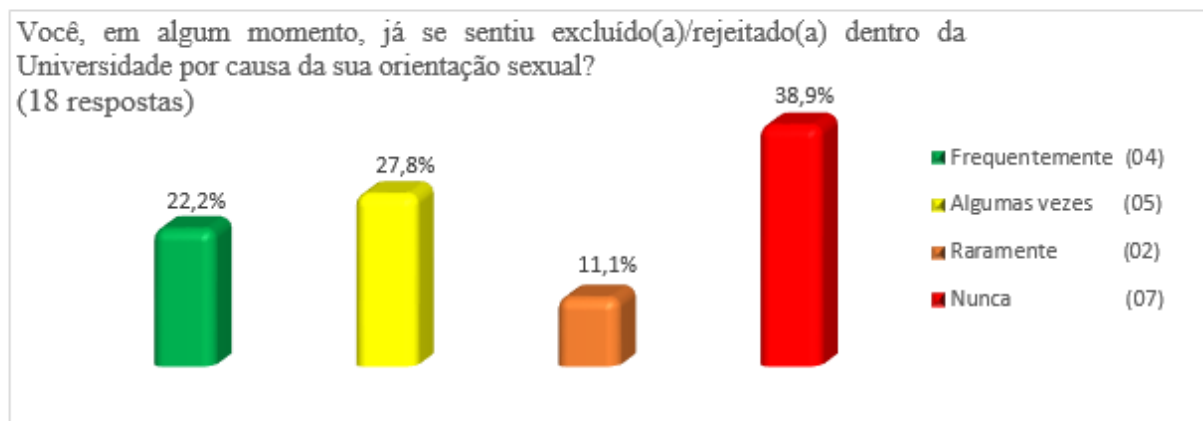
FONTE: Gráfico elaborado pelo autor a partir do questionário online respondido pelos estudantes de Pedagogia - Educação do Campo.

Como mostra o gráfico a cima, a maioria dos estudantes LGBT não demonstram abertamente sua orientação sexual no ambiente acadêmico, cerca de 44,4%, em seguida, 27,8% demonstram às vezes. Os que assumem sem problemas sua sexualidade também correspondem uma minoria de 27,8%.

Esses dados podem indicar que a não demonstração explícita da condição de ser LGBT pode estar relacionada com o medo de sentir-se excluído no espaço acadêmico por não pertencer ao padrão heterossexual predominante. Dessa forma, “permanecendo no armário, alunos gays e alunas lésbicas acreditam estar mais protegidos/as das práticas de assédio moral, preconceito e bullying, sendo poupados/as de maiores percalços durante a trajetória escolar” (SOUZA, 2013, p. 94), o que revela um quadro de exclusão implícita contra essa população.

Os dados acerca do sentimento de exclusão e rejeição revelou um percentual significativo de estudantes que se sentem excluídos ou rejeitados dentro da universidade, 22,2%, frequentemente e 27,8% algumas vezes, conforme ilustrado na figura a cima, quando somados esses dois percentuais, resultam 50% de estudantes LGBT que se sentem ou já se sentiram excluídos e rejeitados no ambiente acadêmico, forme ilustra o gráfico abaixo.

GRAFICO 18: Frequência com que estudantes LGBT se sentem excluídos/rejeitados no ambiente acadêmico

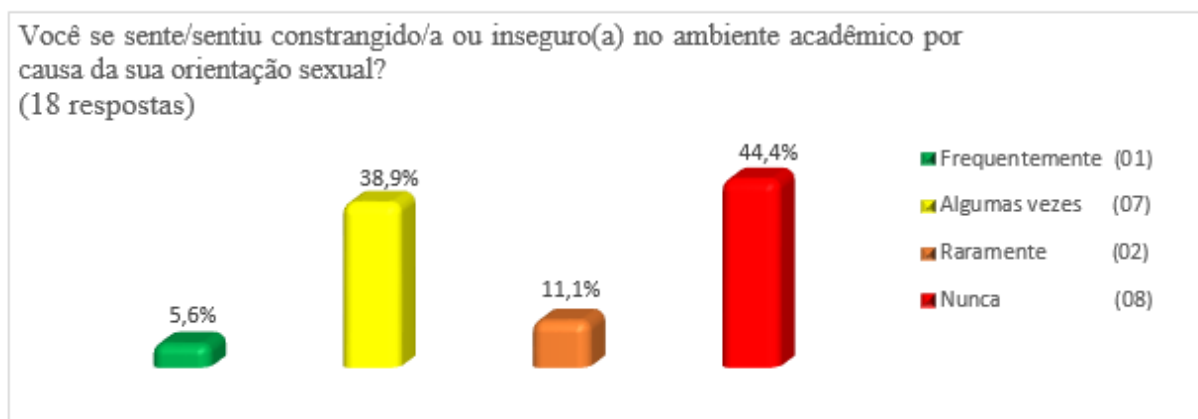


FONTE: Gráfico elaborado pelo autor a partir do questionário online respondido pelos estudantes de Pedagogia - Educação do Campo.

Isso mostra que, “a heteronormatividade e o heterossexismo encontram na impunidade, no silêncio e na omissão os dispositivos que reforçam seus comportamentos e legitimam a marginalização do outro” (ALVES; SILVA; 2015, p. 5). Nesse sentido, as relações interpessoais aparentemente tolerantes nesse ambiente, muitas vezes ocultam o preconceito e a rejeição contra esses estudantes, e isso por eles não passa despercebido.

O gráfico a baixo mostra que 38,9% dos estudantes LGBT já se sentiram constrangidos ou inseguros algumas vezes no ambiente acadêmico por causa da sua orientação sexual, seguido de 44,4% que nunca se sentiram assim, 11,1% responderam que raramente sentem essa insegurança, e 5,6% responderam que sentem com frequência.

GRAFICO 19: Frequência com que estudantes LGBT se sentem constrangidos/inseguros no ambiente acadêmico



FONTE: Gráfico elaborado pelo autor a partir do questionário online respondido pelos estudantes de Pedagogia - Educação do Campo.

Pelos dados, percebe-se que qualquer tipo de constrangimento sofrido no ambiente acadêmico, seja explícito ou não, é motivo suficiente para que a vítima se sinta excluída nesse ambiente onde a inclusão deveria ser algo essencial. Quando tal constrangimento está relacionado à orientação sexual do indivíduo que não se encaixa nos padrões heteronormativos, como é o caso do público LGBT, a sensação de não pertencimento à instituição parece ser cada vez maior. Nesse sentido, a permanência de público na universidade é desenhada sobre muitos desafios.

Em relação aos fatos de discriminação e preconceito ocorridos no âmbito acadêmico, de acordo com os dados ilustrados na figura abaixo, 78,4% dos respondentes afirmam já ter presenciado ou sabido de algum ato de discriminação e preconceito contra estudantes LGBT dentro da UFPB, ou seja, uma significativa maioria dos estudantes. Esses dados nos revela um quadro alarmante, pois a aversão contra esse público é um problema de ordem histórica, social e política que o padrão heteronormativo estabelece, mas não reconhece como tal.

QUADRO 2: Panorama geral do recorte LGBT sobre as condições de permanência no curso de Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo⁷

A CONDIÇÃO LGBT COM A PERMANÊNCIA (18 respondentes)	
Exposição da orientação sexual	72,2% preferem não demonstrar sua orientação sexual no ambiente acadêmico
Exclusão/rejeição	61,1% já se sentiram excluídos/rejeitados em algum momento dentro da universidade

⁷ Quadro construído por Jailson Batista dos Santos, autor do trabalho de conclusão de curso.

Insegurança/constrangimento	55% já se sentiram inseguros/constrangidos em algum momento dentro da Instituição
Casos de homofobia	78,4% já presenciaram ou souberam de algum caso de homofobia dentro da universidade.

FONTE: Próprio autor

Essa aversão é conhecida nos termos científicos como “homofobia”, Segundo Borrillo (2010) apud Moreira (2011) a homofobia se configura como um elemento constitutivo da identidade masculina. Nesse sentido é encarada de forma repulsiva, estabelecendo uma barreira quando dois homens têm de manter uma relação mais íntima, por conta disso acaba por formar um sentimento homofóbico.

Percebe-se pelos dados, que a universidade por ser um ambiente de aparente aceitação frente às diferenças, por vezes, disfarça e esconde toda a aversão contra o público LGBT. Nesse sentido, a conduta discriminatória é frequentemente derivada de atitudes preconceituosas, e as atitudes preconceituosas nem sempre produzem atos hostis (MYERS; 1995, apud PEREIRA e SOUZA, 2013). Com toda essa aversão sofrida, a permanência desses estudantes acaba se tornando um verdadeiro ato de resistência.

Assim como salientaram Skliar e Düschatzky (2001),

o acesso e permanência do diferente nos espaços normativos, não devem estar atrelados a uma política de tolerância, nem simplesmente a uma questão de respeito as diferenças, mas sim de qualificação, de desnormatização e desconstrução das sexualidades e gêneros compulsórios dominantes, de transformação desses espaços, em um lugar de afirmação dos direitos sexuais e de combate a qualquer manifestação de machismo, homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia, é possibilitar, segundo Passos e Santos (2013) que as assimetrias de poder conferidas as diversas masculinidades e feminilidades não regulem os processos de homossexualização⁸ (PASSOS, SANTOS, 2013). (Apud ALVES, Rita de Cássia Dias Pereira; SILVA, Elder Luan dos Santos; 2015; p. 6).

⁸ A homossexualização ou socialização LGBT é o processo mediante o qual as pessoas do coletivo LGBTI conhecem, relacionam-se e se integram com outras pessoas deste mesmo coletivo, especialmente de sua mesma orientação e identidade sexual. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Homossexualiza%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em: 24 de mai. 2017.

Não obstante, permitir a vivência da sexualidade no ambiente universitário, sem colocar os sujeitos em situações de opressão, é colaborar para que a permanência e a afiliação acadêmica dos mesmos, possa se efetivar por completo.

A relação entre a condição de ser LGBT e a permanência na universidade

Com base nas discussões e análises dos dados obtidos acerca da permanência, para a complementação do estudo, afim de apreender as condições de ser LGBT com as condições de permanência no curso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três estudantes LGBT do curso de Pedagogia – Educação do Campo. Nesse sentido, buscou-se com essa forma de abordagem, analisar a trajetória escolar e acadêmica dos sujeitos para a compreensão da relação entre a condição de ser LGBT com as condições de permanência no curso no curso de Pedagogia – Educação do Campo, complementando assim, a análise sobre os atuais desafios enfrentados por esses estudantes durante toda permanência na universidade.

Discutir a permanência de estudantes com situação de vulnerabilidade social no âmbito acadêmico, implica considerar os aspectos que contribuem para a superação dos desafios nesse contexto. Nesse sentido, as escolhas, concepções, ideias e percepções dos indivíduos que se encontram em tal situação, podem estar relacionadas ao poder simbólico, em que, segundo Bourdieu (1998), configura-se como um poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o exercem. Nesse sentido, os capitais social, cultural, econômico e simbólico refletem de forma direta e indiretamente nas condições de vida dos indivíduos.

No que cerne os dados pessoais dos estudantes entrevistados, temos a Luíza, uma mulher lésbica, que se autodeclara branca, natural de João Pessoa – PB, tem 39 anos, mora sozinha, exerce função remunerada, com renda mínima de 1 a 2 salários, é oriunda de escola pública, aluna do último período do curso de Pedagogia – Educação do campo, encontra-se ativa e blocada. Seus pais possuem escolaridade diferentes, o pai tem formação superior completa, enquanto que a mãe possui apenas o ensino fundamental incompleto.

Já a Lúcia, tem 23 anos, se autodeclara negra, também é lésbica, mora com a companheira, estudou sempre em escola pública, trabalha como professora em uma escola municipal, possui renda de 1 a 2 salários mínimos, é natural de João Pessoa – PB, também está

no último período do Curso de Pedagogia - Educação do Campo, mas está desbloqueada. Sua mãe possui apenas o ensino fundamental incompleto, já o pai não frequentou escola.

E por fim, o Pedro, um estudante Gay que se autodeclara pardo, oriundo da zona rural, tem 38 anos, é natural do interior de Sapé - PB, frequentou somente escola pública do campo, mora com a família, trabalha como professor, com renda de 1 a 2 salários mínimos. Sobre a instrução de seus pais, ambos possuem ensino fundamental completo.

O que há em comum no perfil desses estudantes? Todos fazem parte de uma população historicamente marginalizada, a população LGBT. Os três possuem uma renda mínima para se manterem, de 1 a 2 salários mínimos, todos são filhos de pais com baixa escolaridade (com exceção do pai da Luíza que tem ensino superior completo), todos estudaram em escola pública.

A Lúcia e o Pedro atuam como professores em escola municipal, sendo que um na zona rural (Pedro) e o outro na zona urbana (Lúcia). Caracterizam-se como estudantes das classes populares com baixo poder aquisitivo, que adentraram no curso pela forte identificação pelo mesmo. Esses estudantes veem no ensino superior uma oportunidade para o crescimento pessoal e profissional.

As análises sobre as trajetórias individuais desses estudantes apontam que a permanência é desenhada sob muitos desafios, principalmente pelo fato da condição de serem LGBT. As dificuldades são postas desde do ensino básico até chegar à universidade. O Pedro, por exemplo, sempre sofreu discriminação por demonstrar abertamente sua orientação sexual desde os 13 anos de idade. Ao ser questionado sobre como foi sua trajetória escolar antes de chegar na universidade, ele conta que,

...foi um pouco complicado, o fato de eu me assumir gay me trouxe muitas perdas e prejuízos psicológicos. No sítio onde moro, quando a gente se assume, a gente quebra toda uma construção de valor que nos é imposto como correto. E aí quebrar tudo isso foi bastante complicado. Todo mundo me tratava como se eu fosse um doente contagioso, [...] na escola, na sala de aula passei a ser tratado como se fosse alguém que tivesse um problema, é muito difícil conviver com o preconceito. (Pedro, 2017).

Segundo Ferreira (2015; p. 13), geralmente pessoas LGBTs “têm a sua permanência nesse espaço ameaçada pela mesma instituição que, além de não oferecer condições para tal, ainda contribui com atos de homofobia”. Nesse sentido, a fala do Pedro expressa exatamente o que muitos LGBTs estão acostumados a vivenciar no espaço escolar, um cenário de bastante aversão. Essa aversão configura-se como atos homofóbicos em que “são percebidos no silenciamento e na omissão aos pedidos de socorro de homossexuais quando passam por

violências, sejam elas simbólicas ou físicas (JUNQUEIRA, 2012, apud FERREIRA, 2015, p. 13), e na reiteração constante da heterossexualidade que dita o que é “normal” e o que “não é”.

Se pensarmos o âmbito universitário “como um lugar de socialização e formação cidadã, não podemos compactuar que esse tipo de violência que desrespeita as diretrizes educacionais e os direitos humanos continue”, (ALVES, Rita; SILVA, Elder; 2015; p. 13). Nesse sentido, construir uma pedagogia com base no respeito às diversidades, bem como, um currículo que não padronize os sujeitos, sejam eles como forem, e que atenda aqueles que se encontram às margens da sociedade é necessário, não só para a garantia da permanência, mas para o fortalecimento da verdadeira inserção à universidade.

Em relação as dificuldades de permanência no curso e a relação da condição de ser LGBT, Pedro relata que no início se sentiu retraído, e em alguns momentos rejeitado e com medo, por ser gay afeminado e morar no interior, sentia-se como se estivesse submetido à algumas condições de sobrevivência e às vezes sentia medo de ser excluído. Relata também dificuldades em relação às viagens que faz todos os dias para ir à universidade.

...até as pessoas compreenderem e se acostumarem em ver o perfil de um gay que tem uma história construída no meio rural, são colocadas certas condições de sobrevivência aqui dentro da universidade [...] e aqui eu tive essas certas condições, de as pessoas me olharem com estranheza e olhar de deboche [...] aí às vezes eu até tinha medo que isso acontecia por algo que ele mesmo tinha causado, devido a todos os problemas que tive na minha vida. A questão do trajeto foi uma outra dificuldade que tive, eu moro no interior, levo são duas horas para vir para universidade e duas para voltar para casa, eu chego em casa de meia-noite. O curso em si não vejo nenhum problema, o que mata é a viagem, é muito cansativa, mas isso não foi motivo para que eu desistisse. (Pedro, 2017).

Situações em que o estudante Pedro se viu excluído e rejeitado pelo simples fato de ser o que é, contribuiu diretamente para que ele tenha dificuldades durante parte de sua trajetória na universidade. No entanto, ele nunca pensou em desistir do curso por conta dessas dificuldades. Essa postura de Pedro frente às dificuldades, nos revela um aspecto positivo que pode ser configurado como sendo uma das estratégias utilizadas por estudantes como ele, em que reverte esse quadro negativo transformando em superação. Nesse sentido, Pedro se mostra motivado, e o que o faz permanecer firme e forte até é sua identificação pelo curso:

O que mais me motiva é porque eu sou do campo, nasci no campo me criei no campo, eu sou o cara que fui obrigado a trabalhar logo cedo, eu já trabalhei no meio de pessoas, limpando abacaxi plantando mandioca. Por mais que eu tenha minhas dificuldades, e não está morando mais no campo, mesmo assim o campo ainda é a minha identidade. Eu amo dizer que eu sou filho de

agricultor, me orgulho muito disso, me orgulho de dizer que o campo proporciona coisas boas, ao acordar pela manhã e ver o Sol nascente, ouvindo o canto do galo no campo, o campo me transmite paz. [...] por isso esse curso para mim é algo muito motivador. (Pedro, 2017).

Percebe-se no relato de Pedro um sentimento muito forte de pertencimento às suas origens, ele reconhece a sua própria identidade, tal sentimento o faz despertar para a busca de transformação da sua própria realidade. Nesse sentido, posiciona-se diante das várias dificuldades redescobindo “um sentimento que move os sujeitos a defender as suas ideias, recriar formas de convivência e transmitir valores de geração a geração” (BRASIL, 2004, p. 36).

Diferente do Pedro, a Luíza não sentiu dificuldades em sua trajetória escolar e acadêmica por ser lésbica, e atribui isso ao fato de não demonstrar abertamente para todos sua orientação sexual. De acordo com seu relato, lésbicas são mais discretas nos espaços de socialização e por isso sofrem menos. No entanto, informa que já presenciou casos de aversão contra algumas lésbicas, por isso não descarta a necessidade de lutar pelos seus direitos enquanto LGBT:

Eu não demonstro muito esse meu lado homossexual, não é para não ter que sofrer preconceito, mas eu acho que isso, às vezes, é um padrão meio lésbico de ser, porque a maioria delas são mais discretas, não todas. [...] admiro muito as reivindicações dos grupos LGBT para aquisição dos nossos direitos, tem que ser assim mesmo. Acho que essa minha autoconfiança me dá mais segurança de ser o que sou. Eu não tenho também nenhuma objeção em falar de mim, da minha orientação sexual para uma pessoa, mas só me abro para aquelas que e tenho afinidade. Então minha trajetória escolar foi tranquila, mas eu já presenciei casos de preconceito com outras meninas lésbicas, por elas não demonstrarem certas referências que as meninas têm, elas sofrem muito bullying discriminação ao longo dessa trajetória. (Luíza, 2017).

As relações construídas no ambiente acadêmico aparentam uma certa tolerância no que diz respeito à presença de pessoas LGBT nesse meio. Embora o capital cultural seja uma marca presente nesse ambiente (BOURDIEU, 1998), essas pessoas não estão isentas do preconceito, em que, na maioria das vezes, ocorre de forma silenciosa, mas não passa despercebido. É o que revela Luíza em seu relato quando fala da diferença entre o ambiente escolar e o ambiente universitário no tocante a expressão da sua sexualidade:

...a diferença é que aqui dentro as pessoas são mais discretas em relação ao preconceito, elas não demonstram abertamente seus incômodos com a nossa presença, porque subtende-se que pessoas estudadas não tem preconceito com nada, como estudam muito e vem que tem a coisa da liberdade de expressão de ser quem você é, então isso fica meio que camuflado, mas às

vezes a gente sente aqui e ali, uma certa indiferença quando essas pessoas percebem nossa orientação sexual. (Luíza, 2017).

Para Bourdieu (1998), não existem elementos objetivos que digam que uma cultura é superior às outras, existem apenas valores tácitos atribuídos por certos grupos em posição dominante numa dada configuração social que fazem dela a cultura legítima (apud CUNHA, 2007). Nesse sentido, pode-se inferir que o capital cultural constituído por valores, costumes, crenças e ideologias, assim como por elementos que o objetivam e que possuem um valor nas relações de troca, está intrinsecamente ligado às influências da ordem heteronormativa que está na posição de dominante.

No tocante a questão da motivação que contribui para a permanência na universidade, assim como Pedro, a Luiza também expressa sentir uma forte identificação com o curso, focando principalmente na questão filosófica, e ressalta a importância que a educação tem para a sociedade, para a vida de modo geral.

...eu penso que a educação vem antes de saúde, de moradia de perspectiva de vida mesmo, eu acredito que que a educação é o estado mesmo que o país precisa que ainda está na fase de aprimoramento ainda, então assim, eu me identifico com curso pela filosofia da educação, é uma coisa que eu gosto mesmo, gosto de estar ali, de se ver ali, naquela ação de construção com o outro e se construir também através do outro. (Luíza, 2017).

A última entrevistada foi a Lúcia, uma jovem lésbica que passou boa parte da vida tendo relacionamento heterossexual, mas descobriu sua orientação homossexual lésbica há pouco, ao adentrar na universidade. Sua trajetória escolar, assim como da Luiza, não teve muitos percalços em relação a sua condição de ser LGBT, justamente por conta dessa vivência hetero nas relações, mas enfrentou dificuldades financeiras que prejudicaram o seu desempenho acadêmico a deixando em situação de aluna desblocada.

Faz oito meses que me descobri como lésbica, conheci uma pessoa maravilhosa, e hoje estou casada com uma mulher. [...] a gente sabe que no fundo após quando você revela sua orientação sexual, as pessoas começam a te tratar de forma diferente, mesmo assim não senti dificuldades aqui dentro em relação ao meu jeito de ser, não pelo minha orientação sexual, mas sim por permanência de dificuldades financeiras. Estou correndo atrás de um caminho, porque a universidade não garante a permanência nela por conta disso, ou você trabalha ou você estuda. (Lúcia, 2017).

A fala da Lucia nos faz retomar para os pressupostos de Bourdieu (2002) sobre o capital econômico, em que às condições financeiras, patrimoniais e de renda de cada sujeito e de sua

família, pode interferir diretamente nas expectativas de cada sujeito. Dessa forma, o sujeito se utiliza de estratégias para sua sobrevivência, no caso acima, tenta a estudante tenta conciliar trabalho e estudo, sempre correndo atrás de algo para se manter.

Em relação a sua motivação em permanecer no curso mesmo estando desblocada, Lúcia também indica uma afinidade intrínseca com o curso de Pedagogia – Educação do Campo, demonstrando o sentimento de amor pela profissão docente. Nesse sentido, revela ter vocação para professora:

O primeiro motivo me faz permanecer aqui é que eu amo o curso, amo ser professora. Eu acho que desde que eu me entendo por gente que eu sempre quis essa profissão, e segundo são os conhecimentos adquiridos aqui, porque a gente aqui no curso aprende muita coisa. [...] e assim, a universidade não é só está na sala de aula, fora da sala de aula você pode aprender muito também, em relação a tudo. (Lúcia, 2017).

Em linhas gerais, as análises sobre essas trajetórias possibilitam uma reflexão acerca dos processos de exclusão em que muitos estudantes estão inseridos. Nesse sentido, os sujeitos em situação de vulnerabilidade na universidade, não relacionam sua permanência “apenas aos aspectos institucionais de implementação das políticas, mas também aos aspectos subjetivos dos envolvidos, no que diz respeito a condição social, cultural e econômica do sujeito” (CARVALHO; JEZINE; 2016; p. 11).

Com tudo, observa-se nas trajetórias também, uma diferença significativa entre as discriminações sentidas pelo estudante gay, em que, seu relato denota mais intensidade em comparação com as estudantes lésbicas, que revelaram não terem sofrido tanto com esse problema. Nesse sentido, podemos inferir que a discriminação entre homens e mulheres LGBT, pode não acontecer na mesma proporção, o que pode gerar uma nova problemática para futuras investigações, no sentido de saber como se configura essas desigualdades entre os gêneros.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados e os relatos sobre as trajetórias dos estudantes apontaram que o preconceito dentro da universidade ocorre, na maioria das vezes, de forma silenciosa, porém, por eles, não passa despercebido. Dessa forma, foi possível inferir que as relações construídas no ambiente acadêmico aparentam uma certa tolerância no que diz respeito à presença desse público na universidade. Nesse sentido, a orientação sexual considerada como aspecto relevante no

decorrer das análises, permitiu uma melhor compreensão da relação entre as condições de ser LGBT com as condições de permanência na universidade.

Não obstante, pode-se considerar que as análises sobre as trajetórias individuais, e os dados obtidos com o questionário, apontaram que os atuais desafios enfrentados pelos estudantes LGBT, estão atrelados às questões financeiras, assistência estudantil desfavorável, e sentimento de rejeição e exclusão por atos preconceituosos. Nesse sentido, a condição de ser LGBT, reforça essas dificuldades, tornando-as mais evidentes, fazendo com que a permanência se configure como um verdadeiro ato de resistência. Todavia, de modo geral, os estudantes vêm superando os desafios de permanecer na universidade, e atrelam isso à forte identificação pelo o curso.

Considerar o recorte LGBT nas discussões da categoria permanência no âmbito universitário, é dar vez e voz aos que sempre estiveram à margem da sociedade pelo simples fato de serem o que são. Nesse sentido, pensa-se a universidade como um espaço de formação de sujeitos, onde a diversidade humana se faz presente em todos sentidos.

Contudo, o presente trabalho remete buscar novos elementos para dar continuidade, no sentido de aprofundar as análises acerca da permanência, dos que se encontram em situação de vulnerabilidade social, e os processos de inclusão e/ou exclusão que podem estar intrínsecos no âmbito do ensino superior.

REFERÊNCIAS

ABGLT. Relatório da Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no brasil 2016: As Experiências de Adolescentes e Jovens LGBT em nossos Ambientes Educacionais.** Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>> Acesso em: 03 de abr. de 2017.

ARAÚJO, Carla B. Zandavalli M. **A PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO NO BRASIL: uma categoria em construção.** Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.22, n.2, p. 25-43, jul.-dez. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/viewFile/17778/10143>> Acesso em: 20 jan. 2017.

BRASIL. MEC/CNE. **Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo.** Parecer CNE/CEB nº 36/2001, aprovado em 4 de dezembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 10 de abr. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CARVALHO, Rayana; JEZINE, Edineide. **PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: “um peso, duas medidas”**. Espaço do currículo, v.9, n.1, p. 108-120, janeiro a abril de 2016. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/viewFile/rec.2016.v9i1.108120/15341>> Acesso em: 20 de abr. 2017.

CASTELO BRANCO, Uyguciara Veloso; JEZINE, Edineide; NAKAMURA, Paulo Hideo. **Políticas de Expansão, Acesso e Permanência na UFPB (1996 – 2012)**. Disponível em: <<http://coipesu.com.br/upload/trabalhos/2015/6/politicas-de-expansao-acesso-e-permanencia-na-ufpb-1996-2012.pdf>> Acesso em: 19 mar. 2017.

CUNHA, Maria Amália de Almeida. **O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 25, n. 2, 503-524, jul/dez. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/1820/1584>> Acesso em: 30 mai. 2017.

FERREIRA, Cristiano Cavalcante; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. **Vivências Escolares de Jovens Homossexuais Afeminados: Estratégias de Resistência e Permanência**. Disponível em: <[file:///C:/Users/Jailson/Downloads/87-168-3-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Jailson/Downloads/87-168-3-PB%20(3).pdf)> Acesso em: 20 de abri. 2017.

GIMENES, Felipe Vieira; MACIEL, Carina Elisabeth. **A CATEGORIA PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: o que revelam as pesquisas?** Anais do XXIV Seminário Nacional UNIVERSITAS/BR. 18 a 20 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/xxivuniversitas/anais/trabalhos/e_5/5-003.pdf> Acesso em 15 de fev. 2017.

PIRES, Maria Marlene de Souza; NASSAR, Silvia Modesto; SILVA, Carlos Alberto Justo da; MIRANDA, Silvana Maria de. **Construção de uma Escala para Avaliar Atitudes de Estudantes de Medicina** The Construction of a Scale to Measure Medical Students' Attitudes. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v33s1/a11v33s1.pdf>> Acesso em: 20 de fev. 2017.

SOUZA, Janice Aparecida de. **Estratégias de escolarização de homossexuais com sucesso acadêmico**. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD9BWHB3/estrategias_de_escolarizacao_de_homossexuais_com_sucesso_academico.pdf?sequence=1> Acesso em: 20 de fev. 2017.

UFPB. CENTRO DE EDUCAÇÃO. **Pedagogia – Educação do Campo**. Disponível em: <<http://www.ce.ufpb.br/ce/contents/paginas/graduacao/pedagogia-2013-educacao-do-campo.>> Acesso em 10 de abr. 2017.

MINAYO E SANCHES. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity?** Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v9n3/02.pdf>> Acesso em: 25 de jan. 2017.